

# Consagração Académica

DE

HENRIQUE LOPES  
DE MENDONÇA

POR

JÚLIO DANTAS  
EUGÉNIO DE CASTRO

E

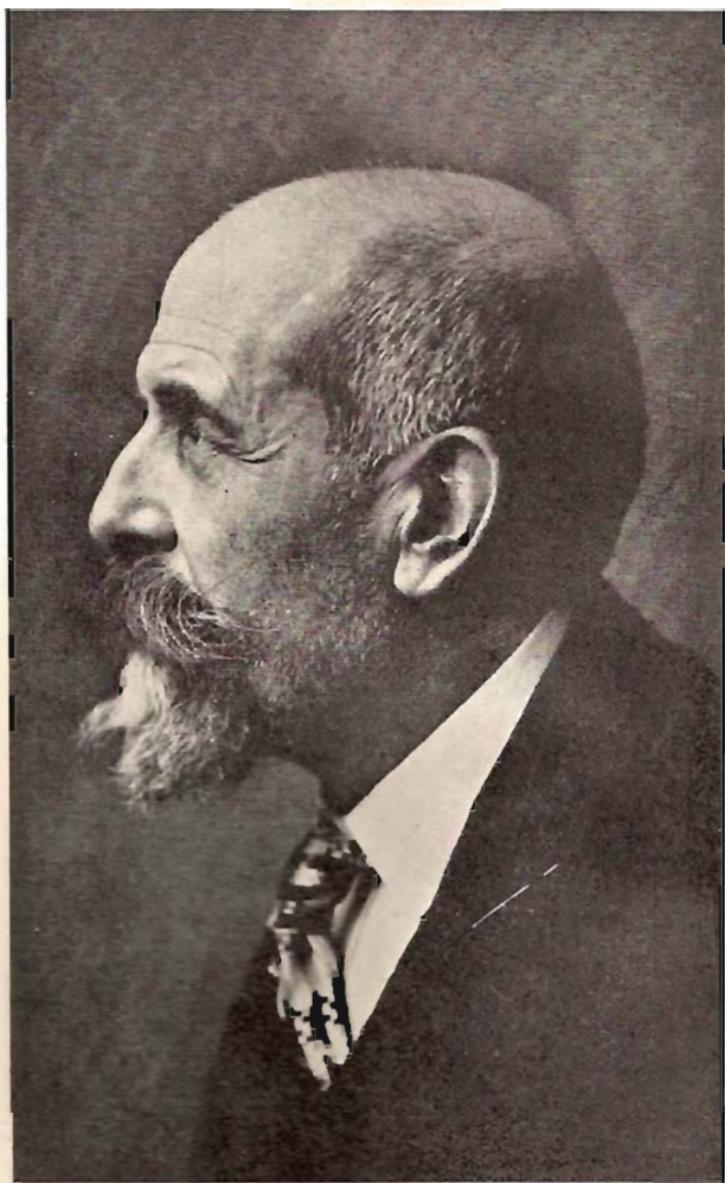
JOAQUIM LEITÃO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1933



LOPES DE MENDONÇA

ANTELOQUIO

## ANTELÓQUIO

*A sessão plenária com que, na noite de 21 de Janeiro de 1933, a Academia das Ciências de Lisboa cumpriu o acto inaugural dos trabalhos deste ano, teve, além do tradicional brilho das cerimónias académicas, a suntuosidade mental e moral de ser consagrada a Henrique Lopes de Mendonça.*

*Três membros da Secção de Belas Letras uzeram da palavra: Júlio Dantas que, ao abrir a sessão, da sua alta Presidência se referiu, com elegância e sentimento, ao Mestre a quem iam fazer-se as soleníssimas exéquias académicas; Eugénio de Castro, porque lhe cabia o Elogio Histórico de Henrique Lopes de Mendonça, seu antecessor na cadeira académica; e Joaquim Leitão, encarregado de saudar o recipiendário.*

*São essas três orações, contendo a consagração académica de H. Lopes de Mendonça, que neste volume se publicam, registando uma hora da nossa vida literária e da vida da Academia das Ciências de Lisboa.*



JÚLIO DANTAS — PRONUNCIANDO O SEU DISCURSO DE ABERTURA DA SESSÃO

DISCURSO  
DE  
JÚLIO DANTAS

EXCELÊNCIAS,  
SENHORES ACADÉMICOS,  
MINHAS SENHORAS  
E MEUS SENHORES:

A Academia das Ciências, cumprindo um preceito do seu estatuto quási secular, inaugura hoje solenemente o ano académico de 1933.

É da tradição desta casa fazer coincidir, com as inaugurações solenes dos trabalhos anuais, os elogios históricos dos grandes mortos da Academia, daqueles que pela sua elevada situação na hierarquia social, pelos seus serviços à ciência ou às letras, pela excelência dos seus méritos ou das suas virtudes, são considerados dignos de homenagens excepcionais. Há dois anos, a Academia recordou a figura veneranda de um príncipe da Igreja, grande pela púrpura e pelo talento, duplamente notável na tribuna sagrada e na tribuna parlamentar: o cardial

D. António Mendes Belo. Hoje, revive a memória saudável de um príncipe das letras, alma de português antigo, em cuja obra monumental, animada de um forte sôpro heróico, se sente por vezes o toque do mesmo bronze de que é feita a obra de Herculano: Henrique Lopes de Mendonça.

Pronuncio êste nome com profunda comoção. Lopes de Mendonça foi para mim um amigo e um mestre, o prefaciador eminente do meu primeiro livro, a mão gloriosa e generosa que me abriu as portas de Academia, o conselheiro quási paternal de tôda a minha vida literária, já — ai de mim! — longa de mais. Na hora das suas exéquias académicas, eu preferiria ter a honra de sentar-me obscuramente junto de seus illustres filhos, nesse recolhido e expressivo silêncio, que é a eloquência do coração. Não mo permitem, porém, as funções que exerço nesta casa. Quis o destino que tivessem de ser pronunciadas por mim as primeiras palavras — descoloridas palavras! — hoje dirigidas à sua memória pela Academia que êle tanto amou, a cujos destinos com tanta dignidade presidiu, — pela Academia que premiou a sua obra, que adivinhou o

seu génio, de que êle me falou com ternura poucas horas antes de morrer, e em cujos anais o seu nome perpétuamente viverá, num clarão de immortalidade.

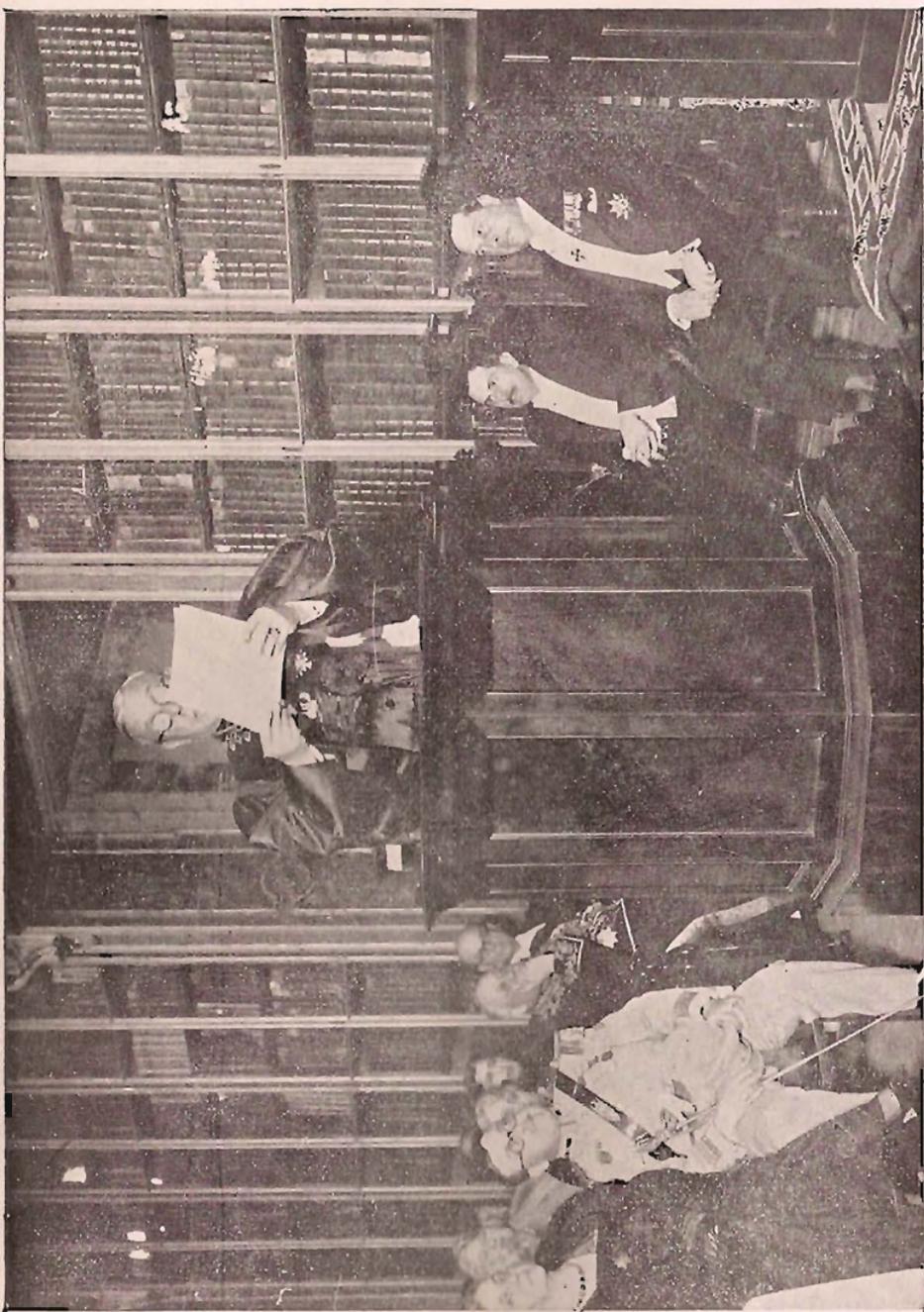
Poeta, romancista, novelista, historiador, arqueólogo, sobretudo dramaturgo, pintor opulento dêsse admirável tríptico — *A Morta*, *O Duque de Viseu* e *Afonso de Albuquerque* —, mestre e iniciador, no teatro, do movimento neo-romântico do último quartel do século XIX, Lopes de Mendonça, que a história literária colocará amanhã no alto lugar que de direito lhe pertence, foi um dos grandes da nossa literatura, um dos mais perfeitos e austeros cultores que tem tido, em todos os tempos, a língua portuguesa, e, nas múltiplas expressões do seu talento e do seu civismo, um patriota exaltado e ardente, cujo optimismo, cuja ânsia de epopeia, cuja fé indestrutível nos destinos da pátria, resplandecem nos versos eternos do hino nacional. Não conheceu, talvez, as grandes popularidades. Não atingiu, fora da Academia, as grandes situações. Nem sempre a fortuna lhe sorriu, — a êle, que a mereceu tanto. Mas, se nem sempre foi feliz na vida, estava-lhe reservada na morte a ven-

tura e a glória de ver (se da imortalidade a vê) a sua obra louvada e exaltada por um altíssimo poeta, o simbolista, o instrumentista, o bizantinista surpreendente das *Horas*, dos *Oaristos*, da *Belkiss*, o artista classicamente perfeito que lavrou, no esplendor das pratas maravilhosas da Renascença, os versos esculturais de *Constança* e de *Sagramor*, o poeta que hoje disputa, com d'Annunzio, o primado da poesia nas línguas novi-latinas: Eugénio de Castro.

Com efeito, é ao sr. Dr. Eugénio de Castro, catedrático e director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sucessor de Lopes de Mendonça na cadeira académica, que cabe o encargo de pronunciar hoje o elogio histórico do grande escritor, realizando ao mesmo tempo, nesse acto protocolar, a sua solene investidura nas funções da efectividade. Ao recipiendário responde um académico efectivo da secção de Belas-Letras, o sr. Joaquim Leitão, secretário-geral interino da Academia, prosador de singular brilho e distinção, que, como poucos, soube realizar o conceito dêsse último esteta romântico que foi Boni de Castellane: «façamos da vida uma obra de arte e das letras uma lição

---

de elegância». Saúdo efusivamente os dois académicos, meus ilustres confrades, cuja palavra vai fazer reviver nesta sala, de tão antigas tradições, a figura tutelar de Lopes de Mendonça, e entrego nas suas nobres mãos, como um tesouro, a memória gloriosa do mestre e do amigo que perdi. Mestre incontestado, amigo involvidável, nome aclamado pelos velhos de hoje, murmurado de-certo, com gratidão e respeito, pelas crianças de amanhã! Que o exemplo da sua vida sem mácula; que a lição da sua bondade, da sua lealdade, do seu espírito de tolerância, do seu amor pelo povo e pela terra que nos foi berço; que os puros ideais nacionais, que palpitam na sua obra deslumbrante, possam inspirar todos os portugueses, uni-los num movimento fraterno, erguê-los na aspiração duma pátria ainda maior!



EUGÊNIO DE CASTRO — LENDO O ELOGIO HISTÓRICO DE H. LOPES DE MENDONÇA

ELOGIO HISTÓRICO  
DE  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

PELO  
DR. EUGÉNIO DE CASTRO

Há perto de trinta e oito anos, contando eu de idade apenas vinte e seis, fiz a minha entrada na então Real Academia das Ciências de Lisboa, como sócio correspondente, apadrinhado em tão agradável passo da minha vida literária por dois homens ilustres entre os mais ilustres dêsse tempo: por António Cândido, que apresentara a proposta da minha candidatura, e por Teófilo Braga, que sôbre a mesma proposta redigira o respectivo parecer.

Movido pelo sincero empenho de corresponder, na medida das minhas fôrças, à estimação do título que me fôra conferido, logo assentei comigo em pôr todo o meu préstimo ao serviço da douda corporação que acabava de praticar um autêntico acto de coragem, acolhendo-me no seu grémio, a mim, que então era considerado por muita gente como uma espécie de anarquista

das letras pátrias, em cuja acrópole eu tinha desfraldado, havia pouco, num ímpeto de audácia juvenil, o estandarte, escandalosamente vermelho, do Simbolismo.

Em tais condições, a generosa isenção com que a Academia abraza as suas portas a um revolucionário como eu, cabalmente demonstrou a falsidade daquele conceito, muito generalizado, segundo o qual as academias não passam de inúteis areópagos de reacionários, decrépitos e vaidosos, eternamente persuadidos de que só as suas opiniões devem prevalecer, eternamente rojados na adoração do Passado, e eternamente indiferentes perante as reivindicações, tantas vezes legítimas, da mocidade turbulenta e combativa.

Condecorando-me com os seus louros, a Academia Real das Ciências bem provou então que era o que tôdas as academias devem ser, isto é, confrarias espirituais, que mantendo zelosamente, como é próprio dos fins para que foram criadas, o culto da tradição, da ordem e do equilíbrio, saibam todavia conciliar o respeito e amor por êsses três objectivos da sua fé com a tolerância e a simpatia devidas aos novos e ao

progresso, sempre que os novos venham animados de boa vontade, e sempre que o progresso seja portador de inéditas mas salutareas aspirações de verdade e de beleza.

Os desejos que eu concebera de bem servir a Academia, concorrendo regularmente às suas sessões ordinárias e solenes, tomando parte nos seus trabalhos e desempenhando-me das comissões que ela porventura quisesse confiar-me, êsses desejos foram contrariados pela fôrça do destino, que em breve me prendeu fortemente e definitivamente a Coimbra com a dupla corrente, às vezes bem pesada, das minhas occupações profissionais e das minhas obrigações familiares. Assim se explica que eu, sendo um dos membros mais antigos da Academia, pertença, involuntariamente, ao número daqueles que menos a têm freqüentado. Em tais circunstâncias, sem nunca deixar de ouvir as recriminações da minha consciência contra a frouxidão da minha actividade académica, foi correndo o tempo, foram rolando anos sôbre anos, e comecei a envelhecer, sem que pelo meu espirito passasse a ambiciosa idea de um dia me ver promovido de simples sócio correspondente a efectivo.

Enorme foi portanto a minha surpresa quando, há pouco mais de um ano, inesperadamente recebi a notícia de que com tal promoção ia ser distinguido, por favor gentilíssimo dos bons amigos que tenho a fortuna de contar nesta casa, e aos quais aqui rendo mais uma vez o preito da minha imperecível gratidão.

Profundamente me sensibilizou essa tão alta como imprevista distinção: por ela própria; pelo seu significado literário e social; pela espontaneidade com que me foi concedida, visto eu nunca a ter solicitado nem sequer pensado em obtê-la; e também porque, alcançando-a, à honra de a receber se juntou a de eu vir ocupar a vaga aberta pela morte de Henrique Lopes de Mendonça, circunstância que para mim é e será sempre motivo do maior desvanecimento.

Cumprindo o que me é imposto por uma disposição dos nossos estatutos, e também por movimento próprio, aqui estou pois para fazer o elogio do meu preclaro antecessor, grato e honroso encargo de que só hoje me desobrigo, porque os meus deveres universitários despòticamente me impediram de o fazer dentro do prazo legal, como devia e desejava.

Preciso de previamente declarar que não é meu intuito produzir aqui hoje uma biografia minuciosa de Lopes de Mendonça nem uma completa apreciação crítica das suas obras, que são numerosas e de bem diversos matizes. Para levar a cabo essas duas empresas, fatalmente me veria eu obrigado a ultrapassar os apertados limites de tempo a que tenho de submeter-me, e por isso, desistindo de fazer, como eu quisera, um retrato perfeito, procurarei fazer ao menos um esboço fiel, esforçando-me porque nêle sobressaíam as três principais qualidades que em vida distinguiram o homem ilustre a cuja memória estamos rendendo homenagem: a bondade da sua alma, a elevação do seu espírito e a integridade do seu carácter.

Henrique Lopes de Mendonça nasceu em 1856 e faleceu em 1931, tendo tido portanto uma longa vida, da qual se pode dizer que não desperdiçou um momento, e que por êle foi quasi inteiramente consagrada ao cultivo das letras. Era ainda uma criança, e já redigia, em verso e prosa, um jornalzinho manuscrito, que lhe grangeou fama de literato entre os seus companheiros de colégio, e, tendo passado a

vida a escrever, só largou a pena no momento em que a morte começava a enregelar a sua mão tão laboriosa como honrada.

O seu último artigo apareceu no *Comércio do Porto* poucos dias depois do seu falecimento, pelo que direi, servindo-me duma velha mas expressiva imagem, que o seu espírito, como certas estrêlas, ainda nos alumiou depois de se ter apagado. Mas não se limitou a êsse artigo a fulguração póstuma de tão esclarecido engenho. Da árvore sêca, outros frutos ficaram, lustrosos e suculentos, como são, por exemplo, o livro de *Memórias*, cuja publicação se anuncia para breve, e o estudo camoniano, intitulado *A Alma do Trinca Fortes*, que apareceu há pouco nos mostruários das livrarias.

A precocidade do escritor deve principalmente atribuir-se aos imperiosos impulsos duma vocação nativa, mas para ela contribuiu também o ambiente literário em que foi criado no lar paterno. Êle próprio confessou isso mesmo, ao escrever na sua autobiografia as palavras seguintes: « O que pode interessar numa biografia de escritor são as influências que determinaram a sua evolução mental. Ora a pri-

meira que me aparece é a daquele que deu à minha família o seu título de fidalguia literária. Refiro-me a António Pedro Lopes de Mendonça, luminar brilhantíssimo da constelação romântica, cujo sangue, através de ambos os meus progenitores, veio correr em minhas veias. Tinha eu nove anos quando se sumiu no túmulo a carne que abrigava êsse radiante espírito, cinco anos antes apagado já. A sua memória pairou sôbre a minha infância, criando em mim precoces aspirações de glória literária».

Tais aspirações foram crescendo com a idade, tornando-se tão absorventes, que por elas se viram sacrificadas as suas obrigações escolares, a tal ponto que, como êle diria mais tarde «só a pé coxinho» conseguiu chegar ao fim do seu curso de marinha. A escolha dêsse curso foi determinada não só pela influência do mesmo parente, tão infeliz como talentoso, que antes contribuía para o desabrochar temporão dos talentos literários de Lopes de Mendonça, mas também talvez por sugestão das oitavas dos *Lusíadas*, que êle lia e relia constantemente, porque essas oitavas, na sua solene uniformidade rítmica, são ondas que se levantam e em-

polam nos seis primeiros versos de cadeia e se despenham e espraíam nos dois últimos emparelhados, formidáveis ondas sôbre as quais tantas vezes flutuam sereias, cuja voz irresistível não cessa de chamar os portugueses, e sobretudo os portugueses que são poetas, atraindo-os para as belezas, para os mistérios e para as aventuras do mar.

Entrando ao serviço da Armada Real de Portugal, Lopes de Mendonça percorreu vários portos da Europa e das nossas possessões africanas, mas, sempre mais escritor do que marinheiro, o que principalmente o interessava e deleitava nas suas derrotas marítimas não eram as manobras do navio em que vogava, mas sim, a extasiada contemplação dos grandes espectáculos aquáticos, que êle mais tarde devia pintar em páginas que cheiram a maresia, e a evocação dos rasgos de bravura e dos patéticos infortúnios narrados na *História trágico-marítima* e ocorridos no mesmo chão líquido sôbre o qual ia singrando.

Os longos ócios das suas peregrinações náuticas, nas quais andou cêrca de dez anos, preenchia-os êle, devorando, sempre faminto de saber,

quantos livros se lhe deparavam, mas a todos preferindo abertamente os dos grandes poetas e os dos grandes historiadores portuguezes, que lhe deslumbravam o espirito e lhe levantavam o coração, e em cuja convivência se exaltaram as suas aspirações artisticas e os seus entusiasmos cívicos, que tanto relêvo moral deram à sua obra.

Foi nesses dez anos de tirocínio naval que êle fêz também o seu tirocínio de escritor, preparando-se sòlidamente para chegar a ser o que foi mais tarde.

Regressando definitivamente à sua querida Lisboa, Lopes de Mendonça vinha fortemente apetrechado e fortemente municiado para entrar no incruento mas aspérrimo combate das letras, combate em que a conquista das posições eminentes tão furiosamente é disputada às vezes.

Consultando-se a bibliografia do meu antecessor, verifica-se que êle já tinha 27 anos de idade quando, em 1883, pela primeira vez saiu da sua voluntária obscuridade e defrontou o público, ainda assim com a discreta máscara de um pseudónimo, mandando imprimir uma obra sua, o *Delenda Albion*, que era um indignado

e veemente grito de protesto contra a injusta afronta que nos fôra infligida, pouco antes, por certa potência estrangeira.

À precocidade com que a sua vocação literária se revelara no lar doméstico, sendo ainda uma criança, não correspondeu portanto a precocidade do seu aparecimento em público, como escritor, aparecimento que foi pelo contrário, relativamente tardio, facto êste cuja explicação está de-certo na ingénita honradez de Lopes de Mendonça, que só se apresentou ao sufrágio dos leitores quando a consciência lhe afirmou que podia fazê-lo sem receio do mínimo desaire.

Desde o aparecimento da sua primeira obra impressa até à sua morte, decorre um período de quarenta e oito anos, a que correspondem aproximadamente outros tantos volumes da sua lavra, produção tanto mais considerável, pela qualidade e número, quanto é certo que ela se fêz de acumulação com o zeloso desempenho de diversas funções públicas, com a aturada colaboração em jornais e revistas, principalmente no *Diário de Noticias* e no *Comércio do Pôrto*, com a realização de numerosas conferências e com o rigoroso cumprimento de todos os deve-

res de chefe de família, sempre absorventes e tantas vezes bem pesados.

Lopes de Mendonça não possuía aquilo que os franceses chamam *le physique du métier*, ou seja o indício externo da profissão, tão manifesto geralmente entre eclesiásticos, militares, actores, pintores e homens de letras.

Pelo que toca aos últimos, várias pessoas da minha idade ainda se lembrarão, de-certo, do chapéu alto, de aba direita, da sobrecasaca azul com gola de veludo, e das botas *à frederica* de Camilo Castelo Branco, e da impecável mas discreta elegância de Eça de Queirós, o qual, parando à porta da *Casa Havanesa*, numa das suas furtivas passagens por Lisboa, parecia ter saído, não do Hotel Bragança mas das páginas de algum dos seus romances. Tôdas essas pessoas ainda se lembrarão também da cabeça tribunícia de António Cândido, cuja espantosa mobilidade de expressão era o espêlho vivo dos seus pensamentos e das suas emoções, nobre cabeça que, esculpida em mármore, poderia figurar num museu, não apenas como um retrato copiado do natural, mas também com um busto de imaginação, representando a *Eloquência*.

Tôdas essas pessoas se recordarão igualmente da tafularia de Ramalho Ortigão, máscula e rutilante como a sua prosa, e dos cheviotes alagartados que Fialho de Almeida escolhia para os seus fatos e que tinham qualquer cousa de comum com a petulância dos seus paradoxos e com o exotismo das suas imagens.

Mas se há homens, como os que acabo de citar, que trazem por fora a tabuleta do que são por dentro, outros há também que nos enganam pela aparência, uns parecendo maiores do que são, e outros sendo maiores do que parecem. Lopes de Mendonça pertencia à categoria dos últimos, nada havendo que nêle denunciasse exteriormente a elevação da sua personalidade. Pela simplicidade do seu traje, das suas maneiras e do seu porte, Lopes de Mendonça era, para os que não o conheciam e o viam passar às tardes nas ruas de Lisboa, uma figura de anónimo, apagada e tímida, talvez um obscuro empregado público, voltando da repartição, talvez um professor particular, voltando das suas lições.

Na intimidade, porém, na roda dos seus amigos, e muitos e dos melhores teve êle, como

merecia, a sua superioridade rapidamente se revelava pelo encanto e brilho duma conversa sempre afectuosa, na qual, com a narração dalguns dos infinitos episódios que êle guardava nos vastos armazéns da sua memória, se misturavam abundantemente os conceitos mais sensatos, as observações mais justas e, de quando em quando, os ditos mais chistosos, porque a austeridade dos seus princípios e da sua conduta não excluía neste grande português aquele espírito de sorridente ironia que é velho apanágio dos verdadeiros portugueses. Dizendo isto, recordando os seus dotes de bom conversador, parece-me que ainda escuto neste momento a sua voz de baixo profundo, cheia de cavas ressonâncias que lembravam, às vezes, o marulho longíquo das ondas.

Homem de hábitos singelos, muito amigo do trabalho, desdenhoso de tôdas as vaidades, dotado duma índole bondosa e pacífica, que não o impedia de mostrar, em certos lances, a maior energia moral, Lopes de Mendonça era uma criatura muito caseira, muito apegado ao seu virtuoso lar, onde gozou, no comovido e correspondido amor da esposa e dos filhos, as mais

altas venturas da sua existência. Assim, todo consagrado à família, desde que a constituiu, vivendo nela e só para ela, e mais para ela do que para si próprio procurando a glória, êle teve ensejo de, no recatado e agasalhado remanso da sua casa, conceber e realizar sossegadamente a sua extensa obra literária.

Poeta, dramaturgo, novelista, historiador, conferente e assíduo colaborador de jornais, em todos êsses gêneros o incansável escritor manifestou a grande maleabilidade do seu espírito; e se a sua pena, que tantas léguas andou, não conseguiu produzir um dêsses livros excepcionais, como são a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, os *Lusiadas* de Camões, o *Frei Luiz de Sousa* de Garrett, o *Campo de Flores* de João de Deus, e os *Sonetos* de Antero do Quental, ela deixou-nos todavia muitas páginas belíssimas, em verso e prosa, dignas de figurar numa antologia dos melhores escritores portugueses de tôdas as épocas.

Como poeta pròpriamente dito, além de ter composto em verso alguns dos seus dramas, deixou-nos Lopes de Mendonça uma considerável quantidade de poesias soltas, muitas das

quais andam perdidas por velhas revistas e jornais, conservando-se inéditas muitas outras. Creio bem que o enternecido respeito votado pelos dignos filhos do poeta à luminosa memória de seu pai, os levará a cumprir sem demora a vontade por êle expressa na sua autobiografia redigida em 1926, vontade que era a de ver reunidos em volume êsses versos esquecidos ou desconhecidos, a alguns dos quais o autor, confessando a sinceridade com que os escrevera, chamou «farrapos da sua alma».

Os motivos dêsses curtos poemas foram quasi sempre fornecidos pelas emoções do amor e pela extasiada contemplação da natureza, as duas eternas fontes de inspiração poética; mas momentos houve em que Lopes de Mendonça, agitado e impellido por impetuoso civismo, procurou uma musa mais varonil, a Pátria, e então os versos serviram-lhe para clamorosa expansão de irremovíveis entusiasmos ou de veementes imprecações patrióticas. A êsse género pertencem, entre outros, o poema *Delenda Albion*, a que já aludi, *Os piratas do Norte* e a *Portuguesa*, que, com música de Alfredo Keil, foi aproveitada, enquanto durou a monarquia, para

sonoro desabafo dos republicanos, sendo adoptada, depois da proclamação da República, como hino nacional.

Como escritor dramático, estreou-se Lopes de Mendonça escrevendo uma peça *A Noiva*, que foi representada e aplaudida no teatro D. Maria, em 1884, e depois dessa peça compôs mais as seguintes: *O Duque de Viseu*, *A Morta*, *Paraíso conquistado*, *Sol Novo*, *Afonso de Albuquerque*, *Salto mortal*, *O amor louco*, *Tição Negro*, *Nó cego*, *O azebre*, *Auto das Tágides*, *A herança* e *Saúde*. Nesta lista, em que figuram composições do mais diverso sabor, dramas históricos, dramas de ambiente moderno, farsas e comédias, devemos fixar em especial a nossa atenção nos três dramas *O Duque de Viseu*, *A Morta* e *Afonso de Albuquerque*, dos quais principalmente derivou a fama literária do seu autor.

Êsses três dramas, retintamente românticos, foram architectados e executados em rigorosa observância dos preceitos pomposamente promulgados no célebre prefácio do *Cromwell*, e, ao escrevê-los, o seu autor tinha certamente nos ouvidos a majestosa toada dos versos de

Vítor Hugo, que era um dos seus ídolos, votando-lhe uma confessada admiração sem limites.

Esses três dramas, como os principais dramas franceses do Romantismo, são escritos em alexandrinos emparelhados e geralmente emplumados de ênfase, nêles se surpreende a cada passo o rebuscado emprêgo de rimas ricas, e freqüentemente o emprêgo de rimas exdrúxulas, que alongam a sonoridade rítmica; nêles se usa e abusa propositadamente da antítese, obtida pela aproximação de palavras, imagens e tipos antinómicos, e sobretudo pelo choque do sublime com o grotesco; neles se cruzam, o que é ainda uma forma de antítese, as tiradas épicas com os arrulhos amorosos, e os lamentos elegíacos com os chascos plebeus; nêles se sobrepõe ordinariamente a ostentação, o brilho e o movimento dos episódios cénicos à meticolosa determinação dos caracteres; nêles se acusa, do primeiro ao último acto, a preocupação de obter a côr local e a realidade retrospectiva, pelo vigilante rigor arqueológico com que é fixado nas rúbricas o estilo dos cenários architectónicos, do mobiliário, da indumentária e das armas; nêles se

nota enfim a exclusão das unidades de tempo e de lugar, tão religiosamente respeitadas pelos clássicos.

Se algumas dessas características do teatro histórico de Lopes de Mendonça podem ser consideradas como defeitos, tais defeitos são menos dêle do que do modelo a que se submeteu, e largamente se vêem compensados e excedidos pela altissonância épica com que o seu patriotismo tantas vezes nos fala pela bôca das suas principais personagens.

A primeira representação do *Duque de Viseu*, em 1886, foi festejada com aplausos delirantes, e constituiu um acontecimento verdadeiramente notável, não só nos meios literários mas também no grande público. Eu, que ao tempo tinha dezassete anos e que então vivia em Lisboa, frequentando o Curso Superior de Letras, fui testemunha presencial dêsse triunfo memorável. Durante muitos dias, os jornais turificaram sem descanso o novo drama com o incenso dos mais rasgados louvores, e nos cafés, nos restaurantes, nos clubes, nos corredores e vestibulos dos teatros, e até nos serões familiares, em tôda a parte onde houvesse gente a conversar, não se

conversava senão sôbre o *Duque de Viseu* e sôbre o seu autor.

Por essa ocasião, o rei D. Luiz I, sempre afeiçoado às letras, agraciou o novo dramaturgo com a cruz de Cavaleiro da Ordem de S. Tiago, e o agraciado que, como republicano, tinha apresentado pouco antes a sua candidatura a deputado pelo círculo de Luanda, aceitou desvanecidamente a "venera, sendo o primeiro a reconhecer quanta magnanimidade se escondia atrás da concessão de tal mercê. Êsse reconhecimento, mais tarde confessado por escrito, mostra bem a equidade de Lopes de Mendonça, que, sempre fiel aos seus princípios políticos, jãmais por êles se deixou escravizar, e por isso jãmais lhes sacrificou a justiça devida aos seus adversários, fôssem êles quem fôssem. E neste caso, o adversário não podia ser maior, porque era o próprio rei, a própria encarnação do regime que êle queria ver derrubado.

Pouco depois, o *Duque de Viseu* era objecto de nova consagração, sendo por via dêle atribuído ao seu autor o prémio pecuniário, instituído pelo mesmo monarca, que então era o Presidente nato da nossa Academia e que nela

delegara a incumbência de o conferir por concurso aberto entre os escritores nacionais.

O formidável êxito obtido pela representação e depois pela publicação em volume do *Duque de Viseu*, tendo posto em evidência o geral agrado com que entre nós fôra acolhida a retardada importação do género dramático, oriundo de França, e principalmente dignificado pelo génio dominador de Victor Hugo, serviu de incentivo a outros escritores da época, e nomeadamente a D. João da Câmara, autor de *D. Afonso VI* e de *Alcácer-Quivir*, e a Marcelino Mesquita, autor de *Leonor Teles*. Assim, pelo que êle próprio fêz e pelo que contribuiu para que outros fizessem, seguindo-lhe os passos, Lopes de Mendonça, incontestável promotor dum efêmero mas brilhante rejuvenescimento do teatro portuguez, viu para sempre assegurada a inclusão do seu nome nos anais do mesmo teatro.

Em 1890, foi posto em cena o segundo drama histórico de Lopes de Mendonça, *A Morta*, que é, como êle próprio escreveu, a evocação do «idílio trágico» da linda Inez de Castro, a qual, apenas entrevista, como um fantasma encanta-

dor, através das palavras desvairadamente saídas de D. Pedro I, nesse drama só materialmente nos aparece, morta mas incorrupta, no momento em que o seu cadáver vai ser transferido de Santa Cruz de Coimbra para o régio sepúlcro que o espera no mosteiro de Alcobça.

Nesta peça, em que o seu autor quis dar uma impressão da Idade-Média, «com a viva chama do amor cavalheiresco e o alvorecer consciente do sentimento pátrio», nesta peça o que mais interessa e comove, o que permitiu ao autor a organização de cenas cheias de intensidade dramática, é a paixão adulterina do escudeiro Afonso Madeira pela formosa Catarina Tosse, mulher do velho Lourenço Gonçalves, Corregedor da Côrte, desvairada e funesta paixão, referida com desassombrado realismo por Fernão Lopes, na sua *Crónica de D. Pedro I*.

Juntando-se aos dois dramas a que acabo de referir-me, e com êles formando uma trilogia, em que nos aparecem «três quadros do viver histórico de Portugal, correlacionados como os três elementos de um tríptico», vem depois o *Afonso de Albuquerque*, sonora evocação do «apogeu

da glória portuguesa no Oriente e do moderno imperialismo colonial iniciado, e já corroído», como diz o próprio Lopes de Mendonça, «pela intriga dos fidalgos, pela avidez dos chatins e pela ingratição dos reis».

Para a elaboração dos seus dramas, não se contentou o dramaturgo com a leitura meditada e repetida das crónicas antigas, recorrendo também aos arquivos, onde em breve se lhe acendeu a paixão pelos velhos documentos, e onde, com a paciência dum beneditino, desencantou preciosas informações que lá estavam dormindo o sono dos sete dormentes, informações de que se utilizou não só para obras puramente literárias mas também para mais sisudos trabalhos de erudição. Entre estes, avultam, pelo valor das novidades que trouxeram, as memórias de arqueologia naval, como os *Estudos sobre navios portugueses dos séculos xv e xvi*, e também as que versam assuntos relativos às nossas navegações e conquistas, como a conferência sobre o *Carácter e influência da obra do Infante* e o prefácio às *Cartas de Afonso de Albuquerque*.

Mas onde o fruto das investigações históricas de Lopes de Mendonça teve emprêgo mais feliz

e brilhante, foi certamente nas suas novelas. Segundo penso, a novela, e sobretudo a novela, histórica, era o género que melhor correspondia às nativas aptidões literárias de tão preclaro escritor, o qual manifestou a mesma opinião, quando de si mesmo escreveu as seguintes palavras: «Mas o que intensamente me seduzia, desde que em criança me embrenhara na obra romântica de Herculano, era a novela histórica».

Êsse convívio espiritual com o sempre austero e majestoso Herculano não só o impeliu para o caminho que mais convinha à natureza do seu espírito e aos seus recursos artísticos, como lhe revigorou também os voadouros daquela ingénita grandiloquência, que nêle foi, quer escrevesse em prosa ou em verso, a qualidade dominante do seu estilo.

Mas porque Lopes de Mendonça, como bom escritor, muito bem sabia governar as suas palavras, êsse estilo, se geralmente era solene e ressoava, alternadamente, como um carrilhão monacal, dobrando a finados, ou como uma fanfarra militar marchando para a guerra, êsse estilo, de prodigiosa versatilidade, assumia tam-

bém, quando as circunstâncias o requeriam, não só a simplicidade dum diálogo familiar mas também a ingenuidade dum colóquio de aldeões.

No trato íntimo, Lopes de Mendonça era, como já referi, um excelente conversador, tendo o dom de dar vida e carácter, como se as pusesse verdadeiras e animadas diante dos seus ouvintes, as figuras e as situações sôbre as quais discorria. Essa faculdade explica em parte os seus triunfos de novelista, porque se mantinha quando êle, deixando de conversar com os amigos, começava a conversar com o público, escrevendo, como se continuasse a conversar com os mesmos amigos.

Deriva daí o tom de intimidade, o tom naturalmente comunicativo, e por isso altamente insinuante, das narrativas em prosa de Lopes de Mendonça, que por êsse lado me parecem ter certo parentesco com três obras imortais da literatura francesa: com as *Fábulas* de La Fontaine, com as *Cartas* de Madame de Sévigné e com os *Romances* de Voltaire. E também me parece que nas mesmas narrativas, e sobretudo nas subordinadas ao título geral de *Cenas de*

*Vida Heróica*, construiu Lopes de Mendonça os mais sólidos alicerces da sua bem merecida glória de escritor.

Entre elas, particularmente me deleitam, quando as releio, as que Lopes de Mendonça escreveu, comandando, não qualquer navio da nossa esquadra, mas sim a nau da sua admirável visão retrospectiva, e atravessando connosco o Estreito de Gibraltar, para connosco desembarcar depois na costa marroquina, no Algarve de Além-Mar, a-fim-de lá pôr diante dos nossos olhos extasiados pitorescas perspectivas orientais, que servem de resplandecente cenário aos mais variados episódios do heroísmo português.

Ceuta, Arzila, Tânger, Azamor e outras praças, que foram nossas e copiosamente regadas pelo nosso sangue, reaparecem-nos nessas páginas de luminosa evocação com todo o prestígio que tiveram no tempo do domínio lusitano; e, a essas terras transportados, não apenas em espírito, mas como que na posse real de todos os nossos sentidos, nelas vamos encontrar tantas figuras gloriosas da segunda e terceira dinastia, o Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira,

o Mestre de Cristo D. Lopo Dias de Sousa, o Guarda-mór Martim Afonso de Melo, o Conde D. Pedro de Meneses e muitos outros que, sempre animados pela mesma fé religiosa e pelo mesmo fervor belicoso, ora passam à frente de tropéis vingativos na perseguição das hordas agarenas, ora vigiam de longe, nos eirados das fortalezas, o movimento dos albornozes entre as tendas brancas dos arraiais da mourama, enquanto o vento morno do deserto faz balouçar docemente os penachos verdes das palmeiras.

Íntimamente familiarizado com os grandes acontecimentos históricos, ocorridos nas mesmas regiões, desde a tomada de Ceuta até à tragédia de Alcácer-Quivir, das mesmas regiões tinha Lopes de Mendonça um conhecimento profundo, que mais parece filho de uma longa e sagaz observação directa do que da simples lição dos livros, seus amigos inseparáveis. Êsse conhecimento, fôsse qual fôsse a sua origem, permitiu-lhe descrever, com mão de mestre, não só as desoladas paisagens do norte de África e as suas cabildas sórdidas, defendidas por sebes de pitteiras e cactos, mas também as pitorescas ci-

dades mourisco-portuguesas, tôdas eriçadas de campanários, atalaias, baluartes e miradouros, entre os quais faíscam ao sol as cúpulas caiadas das mesquitas.

Semelhantes novelas, dentro das quais ressurgem e se animam tantos heróis, falando como realmente falaram, vestidos e armados como realmente se vestiram e armaram, e todos integrados no ambiente em que realmente viveram, essas novelas, compostas com o mais profundo sentimento das épocas nelas evocadas, por isso mesmo nos dão a ilusão, quando as saboreamos, de que as páginas brancas em que estão impressas com caracteres pretos, se transformam em suntuosas tapeçarias, levemente desbotadas pelo tempo, e saídas do mesmo tear donde saíram as de Pastrana.

Verdadeiras obras-primas de literatura, elas são também verdadeiras obras-primas de devoção patriótica, não só pelo vibrante lusitanismo que as incendeia, mas também pela indefectível pureza da sua estrutura verbal, pela riqueza do vocabulário e pela abundância das pitorescas locuções plebeias.

Ainda como novelista, Lopes de Mendonça

deixou-nos um volume intitulado *Santos de casa*, cuja capa litografada representa um painel de azulejos, em que avulta a popular figura de Santo António com o Menino Jesus ao colo. Esse volume, que é um dos da série baptizada com o nome genérico *Cenas de vida heróica*, mostra-nos como Lopes de Mendonça compreendia desapaixadamente o heroísmo da santidade, que é porventura o maior e portanto o mais admirável dos heroísmos.

Lopes de Mendonça não era um crente, mas era superiormente tolerante, sentindo, como outro escritor, que a tolerância é a caridade do espírito, e por isso, o suave misticismo e a confiante ingenuidade das almas sinceramente piedosas não podiam ser indiferentes à sua sensibilidade.

Assim, êle, que não acreditava em milagres, escreveu sem malícia um viçoso livro de milagres, dedicando-o às senhoras católicas de Portugal com as seguintes palavras de levantada isenção: «Em vosso regaço deponho respeitosa-mente êste livro, homenagem de um desalentado céptico à piedade sincera e salutar, que perfuma as almas sem abater as vontades. Ao

narrar êsses casos portentosos, eu tentei, pelo menos, impor silêncio à razão implacável e imbeber-me dessa fé consoladora e fecundante, que por vezes me parece, no declinar da vida, o mais forte cimento da nacionalidade portuguesa».

Estas palavras não são apenas belas pela forma, são ainda mais belas pelo que exprimem, pela nobreza que as aquece e ilumina, e sobretudo pela independência, pelo desassombro com que foram publicadas num momento em que rugia sôbre as nossas cabeças um desvairado tufão de sectarismo anti-religioso.

Em tais palavras está o melhor elogio de quem as escreveu, e que delas fêz, sem dar por isso, o espelho fiel do seu espírito, sempre justiceiro, e da sua alma sempre bondosa.

No cabo da sua longa jornada por êste mundo, sentindo aumentar de dia para dia a ferrugem da velhice, Henrique Lopes de Mendonça, muito de bem com a sua consciência, deve ter encarado serenamente a morte. E todos os que o haviam conhecido de perto, estimando-o e admirando-o sempre, bem convencidos ficaram, ao vê-lo abalar da vida, de que as suas inevitáveis culpas

de homem só como leves penas de passarinho iriam pesar num dos pratos da balança do juízo final, ao passo que as suas virtudes, pelo contrario, fariam baixar consideravelmente o outro prato, como se fôsem grandes barras de ouro.



JOAQUIM LEITÃO — LENDO A SUA ORAÇÃO NA TRIBUNA ACADÊMICA

ROSAS E LOIROS

POR

JOAQUIM LEITÃO

Ai pelo quarto crescente do século XIII nasceram dois santos.

Um, a que puseram o nome de Tomaz, acrescentou um pergaminho de nobreza mental à recuada genealogia dos condes de Aquino, senhores do Castelo de Rocaseca.

O outro viu a luz naquela cidade perto de Viterbo cujas águas termais sararam o rei Desidério, merecendo por isso a ufana toponímia de *Bagnoregio*. Chamava-se João Fidanza. Aos três anos acamou gravemente. Passando por ali o Descalço de Assis, a afligida mãe pediu ao valedor de tantos alívios que chegasse à cabeceira do enfermo. S. Francisco traçou sobre o corpito da criança a benção cruciforme. No berço desabrochou um sorriso. Sorriu também o Santo, exclamando: — Oh! Boa ventura!

Desde essa hora o pequenito passou a chamar-se Boaventura. E assim se prendeu à sua a vida do Patriarca da Umbria, muito antes de cingir o cordão da Ordem e de ser cognominado o Doutor Seráfico. Aquela humildade natal que fêz dêle o poeta da Escolástica franciscana, afirmou-se sempre. Confirmou-se ainda no dia em que o legado pontifício lhe levou ao convento de Bosco o barrete de cardinal, havendo de esperar que Boaventura acabasse de lavar as vasilhas da cozinha, para lhe fazer a imposição das insígnias.

Estes dois latinos que vieram a sublimar o agiológio com os bentos nomes de S. Boaventura e S. Tomaz de Aquino, ambos glorificados por Dante na «Divina», ambos cursaram e magistraram em Paris.

Encarregados de compor os Offícios para a festa do *Corpus Domini*, então recentemente instituído, foram os dois submeter a obra a Urbano IV. Começara Tomaz a leitura, Boaventura entrou de se comover, e, à medida que ouvia a maravilhosa inspiração da Águia de Aquino, ia rasgando o seu trabalho, e chorando de admiração e humildade.

Lembrou-me êste passo da vida do primeiro purpurado da Ordem, quando Eugénio de Castro me deu a ler o elogio histórico do seu eminente antecessor na cadeira académica. Reconheci que, pelo menos na comoção que as coisas belas geram em nossa alma, não é difficil seguir o luminoso rasto de uma escura estamemha, porque... Porque me lembrou fazer ao meu discurso de resposta, o que S. Boaventura fizera ao seu manuscrito. Isto, só de o ler! Agora que o ouvi pronunciado pela voz do Poeta, afeita à orquestal unção do ritmo, mais beleza lhe encontrei. Não há-de ficar engastado nas doiraduras desta nave. A sua vibração, que tem o grave recolhimento da música sacra, renovar-se-á em louvor do glorioso mestre. Como aquele orfeão errante que, ao repassar pelo lugar onde caíu um companheiro, vai diante do túmulo, florido em cruz grega, entoar cânticos que exalam a arte dorida dos exóticos cantores da nostalgia — esta oração de Eugénio de Castro é monodia para gravar na pedra que tem a glória de cobrir o corpo de Lopes de Mendonça.

É perfeita, mas a obra dêste antepassado aca-

démico é tão vasta que vasto tinha de ser o monumento que contivesse, em baixos relevos, todos os aspectos do seu talento.

Os tomos de teatrólogo e novelista heróico bastaram a Eugénio de Castro para entretecer a láurea-coroa.

Mas o seu nome enche de cintilação quási meio-século da nossa Companhia: foi Inspector da Biblioteca, foi Presidente da Academia, e na qualidade de prestigioso, venerado decano o vim encontrar a presidir à secção de Belas-Letras.

¿E o orador académico? Esse, então, era poderoso! Os espelhos desta galeria envelhecera-se de tanta luz que a prestigiosa figura de Lopes de Mendonça lhes jorrou. Quando subia a esta tribuna, desde logo via-se o busto um pouco dobrado, de tanto se debruçar das tôrres da História para bem divisar Portugal, um perfil severo com delicadezas de traço, evadido dalguma tela de Tintoreto, bigode farto que era o acento grave do seu sorriso de bondade, barba em ponta donde as neves que a prateavam nunca conseguiram expulsar de todo o oiro fino. Às primeiras palavras, aquele arcaboço sêco, nascido para marear, soerguia-se, iluminava-se, e

lá de dentro daquela estrutura óssea do português de quinhentos vinha, como da caixa de um violoncelo, às primeiras arcadas, o som mágico de uma alma. Ressoavam bronzes heróicos, tinia o oiro das galas, cantava o cristal das amorosas paisagens, e a sua voz enchia de musicalidade êste salão, confundindo-se com a elegância da traça, correndo pelos frisos doirados, insinuando-se na sanca, subindo como perfumes de vasos sagrados até inundar de sonoridade e de beleza a magestade do tecto.

Ouçõ ainda a abóbada repetir trechos da formosa oração dos centenários de Ceuta e Albuquerque. Falaram gradas figuras e tôdas disseram belos e documentados acertos. Mas a voz que ela guarda e me restitui agora é a dêle... é a de Lopes de Mendonça...:

*«A tradição heróica é tão necessária aos povos que êles a desentranham da lenda quando històricamente a não possuem».*

E continua a reboar:

*«Portugal entrou abruptamente no caminho da História pela porta de Ceuta e pela mão de Albuquerque».*

Um frémito de palmas subverte a voz e se exala em clamor, volvendo em eco pronto a recordar-nos a fascinação do seu verbo.

A música como o perfume é a melhor embaladora de emoções. Por isso as páginas por êle aqui recitadas não esquecem, conservadas como são no ritmo dos seus períodos e na essência do seu entranhado nacionalismo.

Como não deslembrar a sua obra de poesia pura. O seu espírito viveu tão alto que, entre os seus inéditos, um tômo de *Memórias* e o manuscrito do *Trinca-Fortes*, esbôço de amo-rogografia camoneana, pôde legar-nos uma obra póstuma de poeta. Anda esparsa. Quis-la o destino primeiro assim, para melhor se repartir pelos nossos corações. Dos seus sonetos, tão belos, escolho êste, cheio de riqueza musical e verbal:

#### NOBREZA DA SELVA

Caulas que o vento enruga e que o sol cresta,  
Convulsos troncos tortos que reagem  
Contra o furor do vendaval, folhagem  
Grosseira e simples, verde-negra e mesta :

Vejo assim os gigantes da floresta,  
Rudes plebeus da selva, peonagem  
Que esbraveja e soluça, pura imagem  
Da fúria popular, cega e molesta.

Mas o teu liso fuste, nas ramadas  
Gráceis, ó plátano orgulhoso e forte!  
Espalma as largas fôlhas desmaïadas.

Esbelto e firme, desdenhando a morte,  
Nada turba, nem chuvas nem rajadas,  
A impassível nobreza do teu porte.

A um poeta de tal inspiração, a um grande da pátria e das letras, ao principiadador e chefe do movimento néo-romântico no teatro português, tinha de suceder um grande nome.

A conferência de efectivos quando houve de considerar o preenchimento da vaga que a morte de Lopes de Mendonça profundamente abriu na secção de Belas-Letras votou sem discrepância Eugénio de Castro.

É a terceira vez que vultos desta familia insigne ocupam cadeiras nesta Academia. Na boa linhagem materna e paterna de Eugénio de Castro, que conta tantos letrados, humanistas, lentes de leis, poetas, desembargadores, reli-

giosos, memorialistas, corregedores, professoras, há a suprema nobreza de dois académicos seus tios-avós: o frade crúzio D. António da Visitação Freire e Francisco Freire de Carvalho, da *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho* e professor do Colégio das Artes de Coimbra.

Ainda que o nosso protocolo impusesse aos candidatos as visitas académicas, como na Academia Francesa, Eugénio de Castro não precisava bater-nos à porta para se saber quem é. Mesmo nos meios onde é elegante desconhecer celebridades literárias ou científicas, não se poderia passar com êste nome nada que se semelhasse ao episódio que Madame de Boigne conta, nas suas memórias, a respeito de Cuvier. Falava-se do genial naturalista, no salão da Duquesa de Laval; o duque de Luxemburgo, muito admirado de ouvir tal nome, perguntou ao ouvido do duque de Duras: «¿Quem é êsse Cuvier?» —, ao que o outro, achando natural que a côrte das Tulherias ignorasse até a existência do sábio que a Europa invejava à França, respondeu negligentemente: «Um dêsses senhores do jardim do Rei».

Com a boa nomeada de Eugénio de Castro

---

seria absurda a simulação sequer desta ignorância. Poeta de alto estro, criador e chefe de um movimento literário, não marinhou por escadas de seda condescendentemente desdobradas do balcão da glória. A sua ascensão foi um assalto, de viseira erguida. Atiçando o fogo à varanda dos lírios com o seu facho de rosas, deitou tal labareda que as gerações do país e dalém fronteiras puderam ler ao clarão os *Oaristos*, panfleto em verso que prègava, em nome do modernismo, a guerra santa às velhas formas.

Com as *Horas*, hino arrogante do Simbolismo, e a *Sylva*, crisma do Decadismo, a batalha estava ganha. Cada pincelada dêste pintor, cada acorde dêste sinfonista é uma vitória. Quer sorria na pompa exótica do verso livre, e em metáforas suntuosas, para vestir de luz a evocadora e sonora nudez da *Salomé*; quer esbanje uma prosa de opulência asiática para arrancar *Belkiss*, *Rainha de Sabá*, à sua condição de escultura de carne — cada obra é uma estrêla do seu manto magnificente que, chegada à terra, encandeia as Espanhas, o Brasil, tôda a América latina.

Dispôs dos espíritos com uma fascinação que lhe invejariam as mulheres célebres por terem reinado despòticamente pela beleza.

Madrid şagra-o com ceremoniantes como Benavente e Carracido. Paris coroa-o com a admiração de Catulle Mendés, de Mauclair, de Mallarmé, de Henri de Regnier. D'Anunzio, há quatro anos, proclamava-o assim, do alto da sua soberba nave, artilhada de génio, que para o *Vittoriale* levou como trofeu de Fiume:

— «Há, hoje, dois poetas no mundo — ¡Castro e eu!»

¡É o poder da Arte, único capaz de submeter guerreiros, fazendo dêles estetas como Atenas e Alexandria fizeram do Imperador Adriano! Poder tal que os próprios artistas mortos dêle usam para defender as pátrias e deter hostes sitiantes como as de Demétrio Poliorceto que respeitou Rodas, só porque os seus muros eram decorados pelo pincel de Protégenes. Poder tão grande que impondo a obra dos mortos faz esquecer a própria morte, como sucedeu àquela rainha, nova, linda e amada que, seduzida pelo ritmo dos poemas de Harith, ordenou que se descerrassem um a um os sete véus que a sepa-

Dispôs dos espíritos com uma fascinação que lhe invejariam as mulheres célebres por terem reinado despoticamente pela beleza.

Madrid şagra-o com ceremoniantes como Benavente e Carracido. Paris coroa-o com a admiração de Catulle Mendés, de Mauclair, de Mallarmé, de Henri de Regnier. D'Anunzio, há quatro anos, proclamava-o assim, do alto da sua soberba nave, artilhada de génio, que para o *Vittoriale* levou como trofeu de Fiume:

— « Há, hoje, dois poetas no mundo — ¡Castro e eu! »

¡É o poder da Arte, único capaz de submeter guerreiros, fazendo dêles estetas como Atenas e Alexandria fizeram do Imperador Adriano! Poder tal que os próprios artistas mortos dêle usam para defender as pátrias e deter hostes sitiantes como as de Demétrio Poliorceto que respeitou Rodas, só porque os seus muros eram decorados pelo pincel de Protégenes. Poder tão grande que impondo a obra dos mortos faz esquecer a própria morte, como sucedeu àquela rainha, nova, linda e amada que, seduzida pelo ritmo dos poemas de Harith, ordenou que se descerrassem um a um os sete véus que a sepa-

ravam do poeta, atacado de lepra. ; Poder da arte! o maior porque é o maior bem, primeira e última riqueza de que se apartam os homens nas horas destroçadas como aquela que angustiava o Imperador Pedro II quando, sem trono e sem pátria, ao deixar para sempre o Palácio de S. Cristóvão, reclamou uma única jóia: O exemplar dos *Lusiadas* que pertencera a Luiz de Camões.

; Incontestável supremacia do espírito que, para se firmar e manter, como bom poder espiritual não carece da fôrça nem do número!

Eis porque Eugénio de Castro nunca deveu às multidões qualquer hora do seu primado.

Como um dos três grandes poetas franceses que em três séculos seguidos fizeram três vezes a renovação do génio — Ronsard, Corneille e Hugo —, como o Ronsard das *Odes*, êste nosso poeta não conhece a popularidade. Mas Ronsard lançou um dia ao papel dezoito versos, frescos e acessíveis, de que a música se apoderou e, a despeito dos Malherbe e dos Boileau, transpuseram vitoriosamente as idades, tornando-se populares. Tanto que, na bôca do próprio Duque de Guise, quando atravessava o pátio do Cas-

telo de Blois, ao encontro dos seus assassinos, floria a deliciosa canção: *Mignonne, alons voir si la rose...*

Eugénio de Castro não, não é trauteavel. O elemento amoroso, na sua obra, não se arrasta em desfalecida canção nem toma a forma de desgrenhadas paixões, — ostenta a sinceridade dos mármorees ante a carícia da luz. Tudo neste poeta é equilíbrio geométrico, rutilação, fausto, harmonia. Precoce qual herdeiro de trono levado a reinar antes da maioridade, quando a *Sombra do Quadrante* lhe bateu nos olhos, a sua alma, saciada do tumulto das pedrarias e das suntuosidades architectónicas, fruía já a serenidade dos cúmes. O sol da mocidade que desencadeara as fosfenas dos *Oaristos* dulcificava-se majestosamente em côres resignadas e linhas hieráticas.

E, oradas as *Saúdades do Céu*, transposto o ciclo dos poemas dramáticos — *Sagramor*, *O Rei Galaor*, *o Anel de Policrates* —, ao abeirar-se do leito da moribunda e dôce *Constança* vem desembaraçado de exaltações flamejantes, despido de jóias, reduzidos a túnica de linho os brocados orientais, contentando a sua sêde

de Beleza nas fontes eternas do universalismo. Por isso é sua obra mais humana esta em que a abnegada mulher do amoroso Pedro se resgata da penumbra para onde a projectara o esplendor carnal da loira Inez.

Um repouso ainda para o prè-rafaelita afirmar o seu néo-goethismo, num incrível virtuosismo de técnica, traduzindo as poesias de Goethe, e ei-lo o clássico que nêle sempre palpitou. Porque dizer que na segunda fase era simbolista, que na última o parnasiano dos *Camafeus Romanos* se reconcilia com o clacíssimo, o mesmo é que, olhando a linha do horizonte, só dar pelo alaranjado ou pelo roxo, negando o azul e o vermelho. Em tôda a sua obra há uma multiplicidade de valores e elementos que o Poeta maneja, em faustuosas permutações de beleza, de côr e de musicalidade. Em páginas e páginas de Eugénio de Castro, as côres complementares são procuradamente mais pronunciadas, mas quanto mais visíveis mais se proclamam projecção. O seu decadismo, a mobilidade da cesura nos alexandrinos, a ressurreição das formas arcaicas, o verso livre que êle trabalhou como lavrante florentino, a aliteração, a preciosidade

da rima, todo êsse novo foral *verlainiano* que era um grito de independência atirado aos lugares comuns, tôdas as suas audácias não foram mais do que as complementares.

A técnica, a estética, a ideação geral até a redução ao universal, as faculdades de objectivação, de nobre sobriedade, de harmonia, renunciavam o clássico que, cumprida a missão renovadora, se ostendeu em tôda a sua majestática serenidade.

A idea em marcha é uma invasão que inquieta e desarruma. Adoptados os gritos de guerra para hinos de triunfo, o berço toma o calmo aspecto de túmulo.

Todavia a obra de Eugénio de Castro nesta última fase, menos clamorosa que não menos perfeita, afasta os receios de embrandecimento das faculdades técnicas e criadoras. O título *Descendo a Encosta* não passa de uma ironia. Longe de significar o descender de um astro, é o solene avanço do imperator que vem bondadosamente até à planície, florir-nos a vida com os matizes de oiro do seu gibão. Essa portada guarda páginas magistraes, e por algumas delas se vê esplender a mesma arquitectura, a mesma

subtil e inflexível marcha do silogismo seiscen-  
tista, que faz do soneto a jóia rara que Petrarca  
modelou em cera, Sá de Miranda transportou  
para bronze, Camões bateu em oiro, e Eugénio  
de Castro passou ao mármore.

Atingida a estratosfera do renome, era natural  
que o cinzelador bizantino desejasse poisar os  
olhos, queimados do próprio brilho, na simpleza  
duma égloga, e arrenegasse das vaidades do  
mundo pelas certezas do coração. Íntimo da  
Glória, dela se enfadou, exprimindo neste so-  
neto o seu desencanto:

O amor dá-se, de graça; a Glória é cara;  
Esta é matrona grave, o outro é menino;  
O canteiro do Amor é pequenino,  
E a Glória lavra intérmina seára.

O Amor é gastador, a Glória, avara;  
Esta com siso marcha, o outro sem tino;  
E aos ventos desnorteados do destino,  
Enquanto o Amor se apressa, a Glória pára.

Em bronze escreve a Glória, o Amor na areia;  
E, enquanto êle escorrega, ela tateia  
Do futuro nas brumas misteriosas. . .

A Glória eternos loiros faz crescer;  
Frágeis rosas o Amor. Quando eu morrer,  
Dispenso os loiros: cubram-me de rosas! (1)

Não precisa morrer, e a morte nada pode para com os que immortalizam quanto tocam: as paisagens, o coração das mulheres, o perfil dos génios, a alma dos heróis, a música das fontes, a sombra das pátrias.

Não precisa morrer para ter rosas. Tem em vida as rosas e os loiros.

---

(1) «Loiros e Rosas» — (*Descendo a Encosta*, pág. 73).

PALAVRAS FINAIS DO PRESIDENTE

Os aplausos que coroaram os elogios históricos acabados de proferir pelos nobres oradores desta noite, srs. dr. Eugénio de Castro e Joaquim Leitão, constituem um justo e eloqüente comentário a essas duas belas peças oratórias, verdadeiramente modelares na mais difícil de tôdas as formas de eloqüência: a eloqüência académica. Cumprimento cordealmente suas ex.<sup>as</sup> pelo brilho e pela elevação que a sua palavra imprimiu a sessão solene de hoje, das mais notáveis que se têm realizado na velha casa do duque de Lafões.

Agradeço, em nome da Academia das Ciências e em meu nome pessoal, a alta honra da presença de suas ex.<sup>as</sup> os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Instrução Pública. Não é esta corporação menos sensível a distinção que para ela significa a comparência dos ilustres

chefes de missão, representantes diplomáticos das Nações estrangeiras, com a maioria das quais, por intermédio dos organismos congêneres, a Academia das Ciências de Lisboa mantém antigas e afectuosas relações. O que torna inesquecíveis estas solenidades, não é apenas o mérito literário e científico das orações que nelas se pronunciam; é a elegância, a dignidade e o esplendor das assembleas que as ouvem.

Por momentos, a figura veneranda de Lopes de Mendonça viveu nesta sala. O seu generoso coração palpitou junto de todos nós. Melhor do que ninguém o sentiriam seus queridos filhos, descendentes de duas das mais nobres estirpes que ilustraram, no fim do século XIX, a arte e o pensamento português. Estão cumpridos os deveres estatutários desta corporação para com a memória do seu antigo presidente. A nossa dívida, porém, não a consideramos nós completamente saldada, enquanto o busto em mármore de Lopes de Mendonça — em obediência ao voto unânime da Academia — não se erguer, na penumbra desta biblioteca, diante daquele que eu considero o seu mais próximo antepassado espiritual: Alexandre Herculano.

ÍNDICE

## ÍNDICE DOS DISCURSOS

	Pág.
I. — Antelóquio . . . . .	5
II. — Discurso de Júlio Dantas . . . . .	9
III. — Elogio histórico de Henrique Lopes de Mendonça pelo Dr. Eugénio de Castro. . . . .	17
IV. — Rosas e Loiros por Joaquim Leitão . . . . .	49
V. — Palavras finais do Presidente. . . . .	67

## ÍNDICE DAS GRAVURAS

Retrato de Lopes de Mendonça . . . . .	5
Júlio Dantas pronunciando o seu discurso de abertura da sessão. . . . .	9
Eugénio de Castro — Elogio histórico de Henrique Lopes de Mendonça. . . . .	17
Joaquim Leitão — Lendo a sua oração na tribuna académica. . . . .	49